

A LEI DOS PUROS

O IMPÉRIO MALDITO

MIL E UMA NOITES

Os dois saem, evitando serem identificados na recepção e perguntam a um árabe, que vendia alguma coisa perto do hotel, se existia algum bom restaurante nas proximidades. O vendedor limita-se a apontar uma portinha mínima que aparecia em uma parede, na viela que começava em uma das esquinas do hotel. Era uma parede tão alta que parecia o muro de uma fortaleza e a entrada era tão pequena que mais parecia um buraco de rato gordo.

Thiery e Lu se entreolham e a garota comenta, meio decepcionada:

- “Se isso aí for mesmo um restaurante... eu acho que esperava jantar em algum lugar mais convidativo.”

- “Não custa verificar.” - responde Thiery.

O francês abre a pequena porta, que desliza em suas dobradiças sem nenhum ruído. Abaixa-se e entra, sumindo em um corredor estreito. Lu tem um pressentimento sinistro e procura com o olhar o ambulante que havia dado a dica do lugar: não estava mais lá!

- “Thiery!”

- “Thiery...!”

- “Entra aí, Lu. Dá uma olhada nisso!”

Luiza segue o mesmo caminho, já com a mão na arma. Logo após o estreito e apertado corredor, dá de cara com um salão enorme, tão grande que nem dava para distinguir o teto. Tudo era enfeitado e decorado com arcos finamente esculpidos e pinturas multicoloridas, bem ao estilo árabe. Panos e tapeçarias caíam das vigas de sustentação e não havia um canto sequer que não tivesse sido cuidadosamente preparado para transmitir paz e beleza. Lu abriu a boca e ficou olhando tudo, meio extasiada, até que um funcionário aproximou-se sorridente e convidou-os a sentarem-se em enormes almofadas, ao redor de uma mesa baixa e grande que se apoiava em tapetes fofíssimos.

- “Entramos nas mil e uma noites! A portinhola era um portal para outra dimensão, tenho certeza!” – murmura Lu, encantada com tudo que via.

O rapaz traz o cardápio, mas só aparecem duas opções de prato.

- “Sabia! Estava tudo muito bom. Mas, mesmo que a comida não seja boa, só o ambiente já valeu a noite...”

- “Deixa de ser negativa, Lu. Eu peço um prato e você pede o outro. Como não tenho a menor ideia do que está escrito, não faz a mínima diferença.”

- “Vinho?” - continua o francês, logo que recebe a carta.

- “Eu nunca tomei álcool, Thiery. Não faz minha cabeça. Não gosto. Além do mais, mal fiz dezoito... toma você, se quiser.”

- “Dezoito? É ruim...! Sinto muito, mas na França, para onde você está indo, todo mundo toma vinho desde que nasce. Já está na hora de experimentar. Além do mais, neste restaurante não servem refrigerante nem suco, pelo que vejo. Só vinho, água ou chá.”

- “Tomo com você.”

O ambiente começa a ser tomado por uma névoa clara e os odores que se espalham pelo ar são os mais exóticos e perfumados que se poderia imaginar. A música de fundo, embora repetitiva, não se torna monótona. É agradável e suave. Olhando com mais atenção, Lu percebe que a música vinha de um pequeno palco, onde alguns músicos se apresentavam, disfarçados por uma cortina semitransparente.

De repente começam a chegar os pratos. Eram pequenos potes que se sucediam, sendo trocados à medida que eram degustados pelos dois. Lu achou inicialmente que as porções eram muito pequenas, para alguém que estivesse com um mínimo de fome, mas como a porção seguinte era sempre mais deliciosa que a anterior e os potinhos não paravam de chegar, a menina, prudentemente, não falou nada. Os potes de Thiery vinham com coisas diferentes e, de vez em quando, Lu metia o garfo no prato do amigo.

- “Aproveita que não vai ter outra chance.” - fala o francês.

- “Que delícia tudo isso aí! Não tenho a mínima ideia do que é. Não sei nem se é salgado ou doce! Mas também não me importa muito.” - respondia Lu, alternando as garfadas com goles de vinho. Thiery observava divertido, já imaginando como é que aquilo ia acabar.

De repente a música se torna mais intensa e entram os artistas, revezando-se em suas performances. Desde dançarinas do ventre até cuspidores de fogo se apresentam na frente dos dois.

- “Caraca, Thiery, já percebeu que somos só nós os clientes desta noite? Será que é uma armadilha?”

- “No momento estou mais preocupado com o preço da conta do que com os policiais.” - responde o Francês.

- “Quer saber? Se forem, merecem nos pegar. Depois de todo o trabalho que nós demos para eles, me entrego satisfeita!” - fala Lu, já enrolando a língua.

A noite maravilhosa continua mais algumas horas e, ao final, Thiery sai pela portinhola puxando uma Lu trôpega atrás dele, após deixar com o caixa do restaurante quase todo o dinheiro que recebera.

Por sorte o hotel ficava a menos de trinta metros. Lu vai na frente, percorrendo um trajeto bem sinuoso, apesar da viela ser completamente reta. De repente, para de caminhar, mas não de balançar, para falar com o ambulante que dera a dica do restaurante:

- “Eu lhe adoro! O senhor é um anjo! Graças à sua dica conheci o melhor restaurante da minha viciada! Pensei que todos os árabes fossem safados, mas o senhor é uma exceção. Por trás dessa túnica ridícula e mijona se esconde uma alma muito boa, tenho certeza!”

- “Calada peste! Sorte que a sua língua está tão enrolada que ele não deve ter entendido nada.” - fala Thiery, tapando a boca de Lu com a mão.

A garota entra no hotel abraçada ao capitão, trocando os passos e falando besteira sem parar.

No quarto, Lu se joga na cama e ainda consegue balbuciar alguma coisa, antes de apagar por completo:

- “Nada de safadezas, francês...”

ARGUMENTOS CONVINCENTES

No dia seguinte Thiery vai até o local do encontro, no bar do outro lado da praça, deixando Lu dormindo no quarto. Não conseguiu acordá-la até a hora que saiu, nem mesmo quando tentou fazê-la tomar o café da manhã. A garota estava com uma ressaca braba.

- “Acho que ela não vai querer ouvir falar de vinho durante um bom tempo...!” - pensou Thiery, enquanto atravessava a praça. Em uma mesa estavam sentados dois sujeitos vestidos com macacões de trabalho,

aparentemente tomando chá. Thiery não havia recebido nenhuma senha ou algo semelhante para fazer o contato e resolveu ser o mais direto possível:

- “Bom dia, senhores. Imagino que trabalhem na empresa de transportes que leva os toneis de azeite daqui até o porto, para que possam ser embarcados para a França. Estou correto?”

O que parecia ser o mais velho dos dois, vira-se para Thiery e dá uma olhada para todos os lados antes de responder:

- “Exato. E você deve ser a pessoa que irá nos acompanhar na nossa próxima viagem até o litoral. É amigo do nosso principal cliente, o Gerard. Mas não são dois?”

- “O outro ainda está no hotel. Vim na frente para saber dos detalhes. Por que pergunta? Já está na hora da viagem?”

- “A carga já está pronta e podemos sair a qualquer hora. Mas sente-se para conversarmos.”

Thiery puxa uma cadeira e faz companhia aos dois na mesa do bar. O mais velho continua:

- “Fui informado que vocês não possuem toda a documentação em dia e que preferem viajar em sigilo, sem muita ostentação. Por isso, irão nos nossos humildes furgões.”

- “E isso é problema para vocês?”

- Não é problema, de forma alguma, ainda mais considerando-se o dinheiro que estamos recebendo para correr este risco. Mas não se preocupe, porque essa rota eu já faço há muito tempo e conheço todas as barreiras e todos os policiais que circulam nela. Todos gente boa e meus amigos.”

- “Já ouvi isso antes. Mas como o risco é igual para todos, vamos acreditar na experiência de vocês. Não temos outro jeito mesmo. Estamos juntos nessa!” - conclui Thiery, estendendo a mão para o árabe, que responde ao cumprimento.

- “Qual a melhor hora para viajarmos?” - pergunta o capitão em seguida.

- “Não levamos mais de quatro horas para chegar lá. Os barcos saem sempre à noite, para chegarem na França ao amanhecer e desembarcarem a carga logo que o expediente começa no Porto. Em relação à fiscalização nas estradas, ela é mais intensa à noite, ao contrário do que se poderia esperar. Acho que uma boa hora para sairmos seria logo após o almoço. Assim viajamos de dia e chegamos ao anoitecer, bem na hora do barco sair.”

- “Onde embarcamos?”

- “Nessa praça mesmo é um bom lugar. Passo por aqui, hoje mesmo às doze e trinta, na frente do hotel, senhor...”

- “Richard!” - responde Thiery, preferindo manter o próprio nome em sigilo.

- “Combinado!” - responde o árabe, fazendo menção de levantar-se. Thiery se adianta e se despede, afastando-se em seguida na direção do hotel. Logo que entra, olha pelo vidro da porta giratória e vê que os dois já haviam saído do bar. Sobe para o quarto, decidido a não parar de sacudir a companheira até que ela acordasse.

Entra no quarto e percebe que alguma coisa havia mudado. Lu continuava jogada na cama, mas agora a cabeça estava pendente para fora do colchão e braço arriado no tapete.

- “Acho que ela tentou se levantar e não conseguiu. Vou ajudar!”

Thiery vai até o banheiro e enche um copo com água gelada da torneira. Volta para o quarto e derrama todo o seu conteúdo de uma vez sobre a cabeça da garota. Lu dá um pulo com o susto, dando um grunhido e sentando-se na cama com dificuldade. Tenta focar o rosto de Thiery, mas não consegue, já que estava muito difícil fazer os olhos pararem de rodar. Thiery não aguenta assistir quieto aos esforços desesperados da amiga para demonstrar alguma dignidade e cai na gargalhada.

- “Caraca, Lu, que porre! Você falou sério quando disse que nunca havia bebido!”

- “Falei, droga! Onde é o banheiro?”

Thiery pega Lu pelo braço e a leva até o chuveiro, colocando a menina embaixo da água de roupa e tudo. Fecha a porta do banheiro rindo, ouvindo ainda os gritos e xingamentos da amiga.

Algumas horas depois e os dois já estão no mesmo bar do encontro, comendo alguma coisa e esperando a “carona”. Lu vestia um dos poucos trajes que haviam sobrado e usava uns óculos escuros bem grandes, que conseguira no camelô da porta do hotel. Tentava disfarçar o incômodo que sentia.

- “Nunca mais bebo. Primeira e última! Que coisa horrível!”

- “Bebe sim. Daqui a pouco isso passa e você já esqueceu. Um vinhozinho de vez em quando não faz mal a ninguém. Não pode é exagerar.”

- “Como eram os caras? Confiáveis?” - Lu muda de assunto.

- “Não. Mas não existe outra opção.”

- “Um deles é aquele ali? - pergunta Lu, apontando discretamente com a cabeça para uma esquina próxima.

- “Ele mesmo. Vamos lá, porque está fazendo sinal para nós.”

Os dois pagam a conta e se levantam, indo direto para a esquina. Fazem contato com o árabe, que os guia até um furgão fechado, com as molas arriadas de tanta carga, parado na viela.

- “Sejam bem-vindos!” - cumprimenta o árabe mais alto, sentado ao volante naquele momento. E prossegue:

- “Apresento-lhes a limusine que os levará até o Mediterrâneo. Sinto, mas é o único veículo que dispomos. Está cheio de barris de azeite, mas ainda tem espaço suficiente para os dois.”

O outro árabe, que os havia trazido até lá, olha para Lu e acrescenta:

- “Aliás, a belezinha aí pode vir na frente, ao meu lado. Aqui na boleia cabem três, um pouco apertado, mas é até gostoso. Melhor do que ela ficar se equilibrando em cima dos barris, na carroceria!”

Thiery aproxima-se do motorista e enfia a pistola pela orelha do sujeito, puxando a gola da camisa de forma a deixá-lo em uma posição bem desconfortável e dolorosa. O outro, autor da gracinha, viu o sufoco do amigo e ameaçou sair correndo, mas desistiu quando sentiu o cano da pistola de Lu nas costelas. O francês prosseguiu com a sua ameaça:

- “Vamos esclarecer logo uma coisa. A minha pistola a jato pode atravessar até blindagem, que dirá uma carroceria de lata como essa. Vamos viajar na caçamba ali atrás, com a janelinha que dá para a cabine aberta, pistolas apontadas para as nuças de vocês e nenhum dos dois vai nem sequer olhar para nós em momento algum. Nas paradas, só um desce e o outro permanece na boleia. Vou abrir um buraco com o canivete na carroceria, para poder abrir a tranca da porta de carga por dentro. A chave do cadeado vai comigo e só eu abro a porta. Tratem de se virar com a fiscalização ou morrem antes de sermos presos. Estamos entendidos?”

Os dois árabes balançam a cabeça.

- “Agora entrem e aguardem a minha amiga apontar a arma delas para vocês pela janelinha. Depois eu entro e aí vamos direto para a estrada.”

Lu dá um empurrão e uma coronhada bem em cima da cabeça do árabe abusado, o que faz com que ele bambeie as pernas e quase caia. Mas se apruma e dá um pulo para frente, subindo na boleia rapidinho, sem olhar para trás nem reclamar.

- “Para entender que eu também não estou de brincadeira... e para aprender a não desrespeitar uma mulher, árabe ou não!” - Lu fala em voz alta.

As ordens são cumpridas à risca e o furgão toma finalmente a estrada para o litoral, após circular por algum tempo pelas ruelas apertadas de Fes. O ambiente a bordo não é dos mais descontraídos, pelo menos para os dois da frente. Enquanto isso, Thiery abre com o canivete pequenos orifícios na lataria, de forma a poder observar o exterior caso tivessem que parar.

- “Se atirarem em nós, os barris cheios de óleo serão proteção melhor do que uma barricada.” - fala o francês;

A viagem corre monótona e só uma vez são parados em uma barreira. Os dois árabes na boleia se esforçam ao máximo em convencer os guardas, motivados pelas ameaças que haviam recebido e o furgão volta a rodar sem que a viagem sofra mais nenhum atraso.

No final da tarde chegam a El Jebha, após um trecho de estrada muito sinuoso que descia as montanhas em direção ao mar. Thiery vai acompanhando o trajeto pelos orifícios e consegue perceber quando o pequeno furgão faz uma volta em torno de uma enseada cheia de barcos, entrando na Marina onde se localizava o cais de embarque.